

“O vento sopra onde quer e ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai. Assim é também todo aquele que nasceu do Espírito” (Jo 3,8). *Estamos vivendo uma das agradáveis surpresas do Espírito Santo: o pontificado de Francisco. A inesperada renúncia de Bento XVI e a escolha de Bergoglio para sua sucessão se deram no meio de uma crise aguda da Igreja Católica. Na passagem entre a realidade da crise e a viabilidade de soluções anunciadas por Francisco, a Igreja que estava no paredão, na mira de fogos amigos e adversários, sai para as periferias geográficas e existenciais. Na missão ela encontra sua comunhão; na pobreza, sua riqueza; na periferia, sua centralidade; no retorno a Jesus de Nazaré, o Cristo da fé.*

*Em setembro passado, o III Congresso Teológico de nossa Faculdade Católica de Santa Catarina – FACASC – teve como tema: “O pontificado de Francisco à luz do Documento de Aparecida”. O papa, que havia sido o coordenador do grupo de redação do Documento de Aparecida, em 2007, faz desse documento do episcopado latino-americano uma fonte inspiradora de seus ensinamentos e ações. Alguns artigos deste número de nossa revista nasceram no contexto desse congresso.*

*No primeiro deles, Agenor Brighenti, após reconhecer que, de modo surpreendente, Aparecida resgatou o Concílio e reafirmou a tradição libertadora da Igreja na América Latina, analisa outra surpresa: a eleição do Papa Francisco e sua retomada de Aparecida. Com Aparecida e desde a primeira-hora, o novo Bispo de Roma assumiu e propôs à Igreja universal a retomada da renovação conciliar, em estreita sintonia com o modo como a Igreja na América Latina a tem assumido e levado a cabo. Aparecida e Evangelii Gaudium desafiam todos nós a sermos uma Igreja samaritana, profética, missionária.*

*No contexto das mudanças sonhadas e em ação, Antonio José de Almeida trata de diversas “passagens” que desestabilizam a Igreja. Comenta a passagem “da tradição à atração”, esta, representada pelo papa Francisco; da “irritação à cativação”; da “estrutura à visão”, esta, personificada por Dom Hélder; do pessimismo ao “otimismo da salvação”, segundo Rahner e Balthazar; de uma Igreja excludente a uma*



*Igreja “inclusiva”: novamente, segundo Francisco; da “conquista” ao des-velar; revelar e salvar, segundo Pagola; do “servir-se ao servir” (Congar); de “fregueses” da Instituição a testemunhas comprometidas do Evangelho (Zulehner).*

*Em seguida, Vitor Galdino Feller, analisa a crítica recorrente do papa Francisco ao pelagianismo; depois de uma rápida abordagem da história e do significado da heresia pelagiana e dos riscos que ela traz para a vida de fé e para a ação evangelizadora, em contraponto com a doutrina agostiniana da graça, apresenta a concepção própria que tem o papa a respeito do pelagianismo e recolhe as advertências do papa ao perigo atual do pelagianismo presente no mundo e na Igreja.*

*O artigo de Elias Wolff, após analisar o sentido do termo “reforma” no decorrer da história da Igreja, verifica as possibilidades de reforma na Igreja Católica, traçando linhas de aproximação entre as propostas reformadoras do século XVI, do Vaticano II e do atual pontificado do papa Francisco. Assim, o universo semântico do termo “reforma” ganha um sentido ecumênico, indicando as mudanças necessárias nas diferentes igrejas no sentido de favorecer a unidade dos cristãos.*

*Os artigos sobre o pontificado de Francisco se concluem com Andrea Grillo, que apresenta o Concílio Vaticano II como “ato de misericórdia”, faz memória de alguns pronunciamentos de João XXIII e de Paulo VI, e termina com uma afirmação sobre a Bula do Jubileu. Diz que dela recebemos quase um “decálogo conciliar para o Sínodo”, com surpreendente atualidade e um único objetivo: servir ao ser humano, para que todos possamos encontrar acesso à reconciliação com Deus.*

*A seguir, José Artulino Besen nos brinda com uma reflexão sobre o recém-beatificado Dom Romero. O autor, apresentando com paixão a figura extraordinária do Arcebispo de El Salvador, começa evocando o momento final do seu martírio, na tarde de 24 de março de 1980. Retrata-o como “sacerdote e bispo à imagem de Cristo”, mostra a sua entrega total à causa dos pobres e, também, a sua “noite escura”, ao ver-se incompreendido até pelo Papa, então, João Paulo II. Comenta, ainda, as “duas missas interrompidas”: a do seu martírio e a das exéquias, completadas enfim pela solene missa da beatificação, na Praça “Salvador do Mundo”, no dia 23 de maio p.p. Segue, em apêndice, breve nota de Ney Brasil Pereira sobre “o martírio” de Dom Romero, só agora, afinal, reconhecido pela Igreja.*



*Tema à parte no III Congresso Teológico da FACASC foi a reflexão de Nancy Cardoso Pereira sobre a Teologia da mulher. Após discutir a distinção entre “Teologia da mulher”, “Teologia feminina”, e “Teologia feminista”, a autora se declara pessoalmente como uma teóloga feminista. Discute então as relações sociais de poder, e alerta contra o grave perigo do fundamentalismo. Segue interessante debate sobre o tema e, ainda, em apêndice, uma reflexão da autora sobre “Corpo, Sexualidade, Afetividade”. Ela parte da “relação do corpo pessoal com o corpo social”, discute a relação entre teologia e materialidade e, por fim, apresenta “a proposta de Jesus”.*

*Este número de nossa revista hospeda também a contribuição de um de nossos acadêmicos, André Luís da Rosa. Seu artigo tem como objetivo identificar na experiência religiosa da RCC os elementos da experiência do sagrado classificados por Rudolf Otto, em sua obra “O sagrado”, que é considerada um clássico da fenomenologia e da filosofia da religião. Para coleta de dados sobre a experiência religiosa na RCC foi realizada uma pesquisa prática, através de questionário de pesquisa, com coordenadores do movimento em Santa Catarina, lideranças nacionais e estudiosos deste fenômeno religioso. A RCC apresenta-se, de modo geral, como um movimento que dá ênfase à experiência, um movimento de fascinação, e que está centralizada no religioso, no espiritual.*

*Uma contribuição exegética vem de José Maria Garcia e Ney Brasil Pereira, que se perguntam: “Não me toques” ou “Não me busques”? Seu artigo procura solucionar, com a ajuda da filologia greco-semítica, algumas das dificuldades do relato joanino da aparição do Ressuscitado a Maria Madalena (Jo 20, 11-18), especialmente o v. 17, cuja tradução usual levanta dificuldades insuperáveis. A tradução proposta pelo autor soluciona coerentemente essas dificuldades. Por que não acolhê-la e oficializá-la?*

*Esperamos que a leitura desses artigos enriqueça nossos leitores e leitoras com informações e argumentos úteis para sonhar e fazer acontecer a Igreja que Deus projetou para todos nós. Concluem o número, ainda, algumas resenhas e crônicas.*